

ARQUITETURA DOS GRUPOS ESCOLARES E A CONFIGURAÇÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX – ESTADO DO ACRE.

Márcia da Silva Damazio

Mestre em Educação Física UGF, Doutoranda em Educação/ UFMG
Professora Assistente -UFAC/DEEF.

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir acerca da arquitetura escolar e da configuração de práticas corporais no estado do Acre, entre os anos 1915-1945. Jornais e relatórios estão sendo analisados com a intenção de identificar valores, práticas, objetivos, espaços e outros aspectos relativos à presença das práticas corporais nas escolas, atentando para as particularidades do contexto histórico e social em foco.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss about the school architecture and the configuration of corporal practices in the state of Acre, between years 1915-1945. Journals and reports is been analyzed in order to identify values, practices, aims, physical space and others aspects about the presence of corporals practices at schools, with special attention at the peculiarities of the social and historical context we are studying.

RESUMEM

El objetivo de este articulo es discutir acerca del la arquitectura de las escuelas e de la configuración de las practicas corporales en el Estado de Acre, entre los años 1915-1945. Diarios y relatos están siendo analizadas con la finalidad de identificar valores, prácticas, objetivos, espacios y otros aspectos relativos a la presencia de las prácticas corporales en las escuelas, atentando para las particularidades del contexto histórico y social en foco.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir acerca da arquitetura escolar e a configuração de uma cultura escolar na dimensão das práticas corporais, no processo de implantação das escolas graduadas Estado do Acre, nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente entre 1903 a 1945.

Trata-se de pesquisa histórica a partir de análise documental e para obtenção de dados, estão sendo utilizadas como fontes: regulamentos escolares, decretos, programas de ensino e publicações em jornais. Cabe destacar que os dados apresentados neste texto resultam de pesquisa em nível exploratório e de reflexões teóricas realizadas até o momento. O estudo está em sendo orientado a partir da perspectiva da História Cultural de Rocher Chartier (1990) e Michel de Certeau (1997), com a finalidade de buscar uma compreensão em torno das práticas, dos usos e das formas de apropriação dos espaços por parte dos sujeitos históricos.

O ESPAÇO FÍSICO ESCOLAR, PRÁTICAS CULTURAIS E ESCOLAS GRADUADAS.

Estudos têm analisado as influências da Arquitetura na construção de práticas culturais, de saberes, de valores e de idéias no interior das instituições educacionais. Nesta direção citamos as contribuições de Frago e Escolano (2001), que concebem o espaço

escolar como uma construção cultural, que expressa e reflete, para além de sua materialidade, representações em torno do que seja escola, do saber e do ser aí construído. Os pesquisadores citados apontam a Arquitetura como forma de programa, como parte integrante do currículo escolar, que constrói subjetividades, experiências individuais e coletivas e, portanto desempenha papel destacado no processo de aprendizagem e na formação das estruturas cognitivas do educando.

Considerando as idéias postuladas por Foucault (1987), que discute o controle e a disciplina dos corpos, a partir da planificação panóptica e taylorista das escolas, podemos indagar em torno de uma margem para a ação dos sujeitos, no sentido de adaptação, reorganização e reinvenção de práticas na apropriação espacial dos prédios. Para esta reflexão apontamos as contribuições de Certeau (1994) que alerta para as *maneiras de fazer*, para as formas de apropriação do espaço.

No Brasil, no final do século XIX e início do século XX, com os projetos republicanos de difusão da educação popular, o prédio escolar – na forma de grupos escolares ou escolas graduadas – se sobressaiu no desenho urbano das cidades e as escolas passaram a ocupar lugares privilegiados, tornando-se templos sagrados da divulgação do saber.

Frago e Escolano (2001) comentam que a idéia da escola graduada tratava de um tipo de organização que implicava não somente uma ordenação do espaço, mas também de atividades, ritmos e tempos. A constituição de Grupos Escolares implicaria em uma nova cultura escolar¹.

Faria Filho (1998) afirma que o modelo de escolas graduadas era uma estratégia de agir no campo educativo, moldando práticas, legitimando competências e propondo também novas metodologias. Um novo imaginário em torno da escola estava sendo construído. E a Arquitetura vai ter papel fundamental neste contexto, pois os prédios foram concebidos mais do que como lugar para ensinar. Tratava-se de um projeto mais amplo de educação numa dimensão simbólica, tendo o próprio prédio escolar como meio de veiculação de novos valores, idéias, sentimentos, sensibilidades e práticas.

A ESCOLARIZAÇÃO NO ESTADO DO ACRE: A ARQUITETURA ESCOLAR E AS PRÁTICAS CORPORAIS.

A historiografia da Educação Acreana conta com poucos estudos, considerando as primeiras décadas do século XX. Em relação à produção histórica no campo da Educação Física, também não identificamos nos acervos bibliográficos produção acadêmica correspondente².

Em 1903, com a anexação das terras acreanas ao território brasileiro, a região foi dividida em três Departamentos (Juruá, Purus e Alto Acre), onde pequenos centros urbanos foram estruturados gradativamente. Nos seringais não havia estrutura para a oferta de escolas para os seringueiros, nem mesmo para os filhos dos seringalistas. (Bezerra, 1993).

Nos diferentes momentos da história os governos elaboraram reformas, produzindo regulamentos, relatórios e regimentos que tiveram efeito de normatizar e descrever os processos de escolarização no território. Aqui destacaremos informações acerca das prescrições em torno do objeto de estudo que diz respeito às práticas corporais e a arquitetura escolar.

A partir de 1912, escolas – sempre localizadas nos centros das vilas e cidades – receberam a denominação de Grupo Escolar, como o Grupo Escolar João Ribeiro, em

¹ Faria Filho e Vago (2001) também abordam a questão do uso do disciplinar do tempo na proposta de escolas graduadas no Estado de Minas Gerais, como aspecto da cultura escolar.

² Os trabalhos de Ginelle (1982) e de Bezerra (1993) são significativos nos campos da história da Educação e da história da formação cultural no Acre.

Feijó; Estácio de Sá, em Sena Madureira; Barão do Rio Branco, em Cruzeiro do Sul, 24 de Janeiro e 7 de Setembro, em Rio Branco. Neste período, Godofredo Maciel, o então Diretor de Ensino, fez algumas recomendações para a organização da Instrução Pública. Entre estas destacamos suas preocupações com: infra-estrutura das escolas, material didático, métodos de ensino, conteúdos programáticos, posturas corporais e hábitos de higiene, e destacamos a preocupação com a *gymnástica* aliada ao canto e ao jogo infantil (Ginelle, 1982).

Em 1920, diferentes órgãos foram criados no então Território do Acre, de forma a tornar mais efetiva a ação dos responsáveis pela instrução Pública. Em 1928, foi criada, no governo de Hugo Carneiro, a Direção de Instrução Pública, tendo Pedro Mattos como responsável. As reformulações propostas por Pedro Mattos passariam pela construção de prédios, compra de mobiliários, criação de inspetorias, dilatação do ano letivo, inclusão de datas comemorativas no calendário escolar, assistência médico-sanitária e, cabe destacar, pela realização de aulas de *gymnástica* e jogos em todas as escolas (Ginelle, 1982; Jornal “O Acre”, 1929).

Foi relatado, no jornal “O Acre”, durante o período de 1929 a 1945, uma série de manifestações culturais, como por exemplo, exercícios ginásticos e militares, jogos e exercícios de escoteirismo, demonstração coletiva de cultura *physica*, exercícios com bastão, pirâmides, corridas de estafetas, luta de tração. Nas festividades escolares, comemorações e sessões cívicas participavam, além das autoridades políticas, militares e educacionais, os alunos dos Grupos Escolares, os Círculos de Pais e Mestres, e os Grupos de Escoteiros. Os cenários das datas festivas e cívicas nos centros urbanos dos municípios eram as praças, avenidas, campos e pátios dos grupos escolares³. Estes eventos eram noticiados na imprensa local como também registrados nos inúmeros relatórios, que podem, em muito, revelar sobre os *modos de fazer* e sobre as práticas culturais disseminadas no âmbito escolar.

O Departamento de Educação e Cultura (DEC), criado em 1939, no governo de Epaminondas Oliveira Martins, teve como Diretor Océlio de Medeiros. O DEC tinha como atividades teatro, recreios públicos, cursos, conferências, sessões comemorativas, educação física popular e promoção de festas comemorativas. Em 1940, o então diretor criou o Conselho Técnico de Educação, a fim de reformular o ensino e oficializar uma nova organização no ensino primário, de semelhante forma aos demais estados brasileiros. O documento elaborado pelo Conselho aponta, entre outros objetivos, a disseminação de escolas primárias, a assistência médio-social, a elaboração de plano de construção de escolas e o incremento da educação física e desportos (Ginelle, 1982).

Tudo indica que havia grande inquietação quanto às condições das instalações das escolas e quanto às condições de higiene. Humberto Costa⁴, em 1942, analisa a situação das escolas primárias, que estavam em condições precárias e que não atendiam, nem aos modernos preceitos pedagógicos, nem aos de higiene. Um espaço cuidadosamente preparado para as práticas corporais, foi objeto de reivindicação por parte de alguns educadores nesse período (Ginelle, 1982).

No governo de Guiomar Santos, em 1946, a professora Maria Angélica de Castro, do Estado de Minas Gerais, foi convidada a assumir a direção do DEC do Território. Neste período, foram criadas inúmeras escolas, seguindo o modelo das escolas graduadas e houve uma significativa difusão das idéias do movimento da Escola Nova. Em relatório elaborado

³ O Jornal “O Acre”, de 15/09/1929, informa sobre a presença, em manifestações cívicas, de grupos de alunos dos Grupos Escolares e de Grupos de Escoteiros, preparados por Carlos S. Cravo e Pedro Mattos, ambos militares, pioneiros na difusão da prática do escoteirismo.

⁴ Relatório de Humberto Costa, citado por Ginelle (1982, p.92).

pela Diretora, há uma inquietação quanto às condições para a realização de práticas corporais, no que diz respeito ao espaço, aos horários e as instalações. (Ginelle, 1982).

No processo histórico de mudanças no campo da educação, nas primeiras décadas do século XX, no então Território do Acre, a implantação das escolas graduadas parece ter se dado simultaneamente ao processo de urbanização e modernização. Neste conjunto de mudanças no plano cultural, e nos termos dos documentos analisados, foi dispensado cuidado especial para a construção de escolas, seguindo o modelo dos grupos escolares. A disciplina corporal e a prática de atividades físicas foi objeto de atenção constante nos relatórios, regulamentos e decretos.

O ensino da Educação Física com objetivos de desenvolver virtudes patrióticas, moralizar hábitos e disciplinar o corpo foi objeto de reflexão já bastante aprofundada pela historiografia da área⁵. Contribuições oriundas de outros campos científicos abordam a temática dos espaços escolares e das práticas corporais a partir do Brasil Império⁶. Souza (2002) cita Rui Barbosa, quando este formulou o Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário, em 1882. O Parecer demonstra o valor da educação moral, intelectual e *physica*.

Vago (2002) investiga a constituição da cultura escolar no ensino primário em Belo Horizonte, a partir da reforma de 1906. A *Educação Physica* com objetivos de “endireitar” os corpos, torná-los fortes, sadios, belos, aptos, refletia os princípios postulados pelos ideais republicanos. Vago ainda diz que para cumprir os programas das disciplinas, nos projetos arquitetônicos dos grupos escolares, foram previstos galpões que deveriam ser cobertos e cimentados, ou seja, indicavam a construção de espaços específicos para recreio, exercícios físicos e militares.

A inclusão da Educação Física como matéria de ensino nos grupos escolares indica uma preocupação dos intelectuais e legisladores brasileiros com a constituição de uma cultura em torno de práticas corporais, adequadas ao novo modelo de sociedade que estava sendo implantada. Cabe investigar a forma como se deu o enraizamento de um conjunto de práticas culturais, diante do modelo dos Grupos Escolares, sem desconsiderar as resistências, as adaptações, as interpretações e respostas dos atores sociais, que circularam por esses espaços. Poderíamos, também, questionar sobre a distância entre as determinações legais e os discursos em defesa da educação dos corpos, e sobre os esforços no sentido de por em prática as inúmeras propostas.

Indagamos como estas práticas foram apropriadas nos espaços disponíveis, como os espaços foram, então, construídos, tecidos e vivenciados pelos atores sociais. Concordando com Rocher Chartier (1990), cabe verificar as lacunas existentes entre o prescrito, o edificado, o recomendado e aquilo que foi praticado, e, na perspectiva teórica da História Cultural, cabe buscar compreender como se deu esta configuração de saberes em torno de prática corporal nos espaços arquiteturais das escolas graduadas, no contexto das distantes terras acreanas.

Bibliografia

- BENCOSTA, M. L. A. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). (org) _____. M. L. A. **História da educação, arquitetura e espaço físico**. São Paulo: Editora Cortez, 2005, p.95-14.
- BEZERRA, M. J. *et al.* **Cidade de Rio Branco**: a marca de uma história, povo e cultura. Rio de Janeiro: Globo, 1993.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

⁵ Soares (2001), Castellani Filho (1994), Souza (1994), Ferreira Neto (1996).

⁶ Costa (1999), Gondra (2003).

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

DÓREA, C. R. D. Anísio Teixeira e arquitetura escolar: planejando, construindo sonhos. **Revista da FAEBA**. Salvador, n. 13, jan/jun, p. 151-160, 2001.

FARIA FILHO, L. M. O espaço escolar como objeto de história da educação: algumas reflexões. **Revista Faculdade de Educação**, v.4, n.1, São Paulo, jan-jun, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, A. V. e ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade** : a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GIANELLE, G. **A história da educação acreana – 1904-1960**. I e II volume, 1982. 350p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação/UFAC, Rio Branco, 1982.

GONDRA, J. G. Medicina, higiene e educação escolar. In: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Antártica, 2003. p.519-546.

SOUZA, R. F. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cedes**, Campinas, v.20, n. 52, nov. 2002.

VAGO, T. M. **Cultura escolar cultivo de corpos**: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Jornal

O Acre. Rio Branco. 1929 a 1950.

Endereço: Rua Pinheiro, 34, Q. 46, Conj. Universitário

Rio Branco – AC Cep. 69 900 000

e-mail: márcia_damazio@yahoo.com.br